

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS ESPANHOL

DIEGO COELHO DE SOUZA

EXÍLIO E LITERATURA:

A manifestação da diáspora na obra 'No pasó nada', de Antonio Skármeta

São Leopoldo

2019

DIEGO COELHO DE SOUZA

EXÍLIO E LITERATURA:

A manifestação da diáspora na obra 'No pasó nada', de Antonio Skármeta

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de
Licenciado em Letras Português
Espanhol, pelo Curso de Letras da
Universidade do Vale do Rio dos
Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dr. Silvia Matturro Panzardi Foschiera

São Leopoldo

2019

AGRADECIMENTOS

Durante o processo de minha formação, que envolveu estudo, trabalho, estágios e intercâmbio, pude percorrer diferentes cidades e países, o que me ajudou a crescer como pessoa e profissional. Muitos tiveram um papel relevante nisso, portanto, neste momento, quero agradecer:

- primeiramente, a minha família e aos amigos por terem compreendido meus afastamentos;

- ao curso de Graduação em Letras Português/Espanhol por me propiciar essas oportunidades;

- ao Programa Universidade para Todos (PROUNI) por possibilitar as condições para que eu pudesse cursar a Graduação em Letras Português/Espanhol e, com isso, ter essas experiências;

- à Casa do Estudante Universitário Leopoldense (CEUL) por possibilitar o melhor acesso a Universidade e por oportunizar o convívio e a amizade com pessoas de outros cursos, outras cidades, outros estados e outros países nesses seis anos de moradia.

Agradeço especialmente a Profa. Dr. Silvia Maturro Panzardi Foschiera por toda a dedicação e militância ao Ensino de Língua Espanhola, pela paciência durante as orientações do Pibid, estágio, intercâmbio e TCC. E por ensinar que um professor deve ser professor de todos os alunos.

Golpe

- Mamá, dijo el niño, ¿qué es un golpe?

- Algo que duele muchísimo y deja amoratado el lugar donde te dio.

El niño fue hasta la puerta de casa. Todo el país que le cupo en la mirada tenía un tinte violáceo.

BARROS, Pía. Llamadas perdidas. Barcelona: Thule, 1991.

RESUMO

O presente trabalho busca estabelecer relações entre a diáspora, o exílio e a literatura, no contexto dos regimes militares ocorridos na região do Cone Sul, entre os anos 1960 a 1980, analisando como o conceito de diáspora se manifesta no romance **'No pasó nada'**, escrito pelo autor chileno, Antonio Skármeta durante seu exílio. Uma vez que há um grande número de obras escritas nessa situação de expatriação forçada e partindo da hipótese de que existe uma tradição literária do exílio, em especial da América Latina, questiona-se qual é o impacto que esses tempos nebulosos deixaram nas produções literárias e como a diáspora é representada nessas obras. Para tanto, o estudo parte de uma pesquisa bibliográfica das visões de diáspora, do conceito de exílio e sua manifestação na América Latina, para, posteriormente, realizar uma análise qualitativa focando no espaço e nas personagens de uma obra representativa da época: **'No pasó nada'**, de Antonio Skármeta. Através da análise do espaço e das personagens do romance, constatou-se que obra manifesta diferentes abordagens do conceito de diáspora gerado, principalmente, pela diferença de geração que há entre pais e filhos sobre a visão de pertencimento quando se está longe de casa.

Palavras-chave: Literatura. Skármeta. Exílio. Diáspora. Cone Sul.

RESUMEN

El presente trabajo busca establecer relaciones entre la diáspora, el exilio y la literatura, en el contexto de los regímenes militares ocurridos en la región del Cono Sur, entre los años 1960 a 1980, analizando cómo el concepto de diáspora se manifiesta en la novela **'No pasó nada'**, escrita por el autor chileno, Antonio Skármeta durante su exilio. Una vez que hay un gran número de obras escritas en esta situación de expatriación forzada y partiendo de la hipótesis de que existe una tradición literaria del exilio, en especial de América Latina, se cuestiona cuál es el impacto que esos tiempos nebulosos dejaron en las producciones literarias y como la diáspora está representada en estas obras. Para ello, el estudio parte de una investigación bibliográfica de las visiones de diáspora, del concepto de exilio y su manifestación en América Latina, para posteriormente realizar un análisis cualitativo enfocando en el espacio y en los personajes de una obra representativa de la época: 'No pasó nada', de Antonio Skármeta. A través del análisis del espacio y de los personajes de la novela, se constató que la obra manifiesta diferentes enfoques del concepto de diáspora generados, principalmente, por la diferencia de generación que hay entre padres e hijos sobre la visión de pertenencia cuando se está lejos de casa.

Palabras clave: Literatura. Skármeta. Exilio. Diáspora. Cono Sur.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 VISÕES DE DIÁSPORA	12
2.1 Diáspora: tradição e tradução.....	12
2.2 Diáspora: lar e terra natal	16
2.3 Diáspora e Literatura.....	20
3 EXILIO E LITERATURA	22
4 A OBRA ‘NO PASÓ NADA’, DE ANTONIO SKÁRMETA	29
4.1 Apresentação do autor	29
4.2 ‘No pasó nada’	30
4.3 Análise da obra: enredo, personagens, tempo, espaço, narrador.....	32
4.3.1 O enredo.....	32
4.3.2 Os personagens	33
4.3.3. O tempo.....	35
4.3.4 O espaço	35
4.3.5 O narrador.....	35
4.4 Análise da diáspora.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
6 REFERÊNCIAS	48
7 ANEXO A – ‘Lista da bibliografia de Antonio Skármeta’	50

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre a manifestação da diáspora na literatura produzida por escritores em estado de exílio, levando em consideração o período de exceção provocado por regimes militares¹ ocorridos na região do Cone Sul, durante os anos 1960 a 1980. Portanto, veremos como a referente manifestação se apresenta em uma obra escrita por um escritor chileno que permaneceu exilado na Alemanha durante o período de ditadura ocorrido em seu país.

Indaga-se sobre a possibilidade da obra, através de seu enredo, espaço e personagens, manifestar uma ou mais abordagens de diáspora, podendo evidenciar um conceito mais tradicional ou um mais flexível. Na forma mais tradicional, rígida e sofrida, os sujeitos exilados possuem uma grande fixação por sua terra de origem e por sua identidade nacional. Na abordagem mais flexível, os sujeitos exilados, embora sintam falta de sua terra de origem, possuem uma maior abertura para a convivência em uma nova cultura.

Refletindo sobre o contexto de produção literária no exílio, este estudo tem como objetivo geral analisar como o conceito de diáspora se manifesta no romance 'No pasó nada', de Antonio Skármeta. Como objetivos específicos, busca-se verificar as discussões referentes às diferentes visões de diáspora sobre o prisma dos autores Hall (2011) e Cohen (2008) e as características de literatura diaspórica trazidas por Braga e Gonçalves (2014), assim como abordar o conceito de exílio apontado por Said (2003). Também, sob a ótica dos autores Coggiola (2001), Vidal (2004), Brancher (2008) e do periódico Memoria Chilena (2018), busca-se relacionar os processos de exílio advindos dos regimes ditatoriais ocorridos nos países do Cone Sul, em especial no Chile, entre os anos 1960 e 1980, com a literatura. E por último, através da análise de espaço literário usando as referências de Soethe (2007) e Brandão (2007), verificar como a diáspora é manifestada na referente obra.

¹ Sabe-se que existe um debate, principalmente no Brasil, como aponta o jornalista Pomar (2012), de utilizar o termo ditadura civil-militar ou regime civil-militar, para designar os governos autoritários, tendo em vista que houve setores civis que apoiaram os golpes de estado nos vários países da América Latina. Porém, observa-se que para este trabalho será usado os termos ditadura militar e regime militar, por ser o modelo como usa o autor utilizado neste estudo para debater o tema, Coggiola (2001).

Referente à escolha do tema, a diáspora, antiga forma de deslocamento humano, pode-se afirmar que tem ganhado novas expressões no contexto do mundo em globalização, tornando-se hoje um dos tópicos mais relevantes nas pesquisas em ciências humanas. E, como aponta Braga e Gonçalves (2014), nesse entorno, os estudos literários não poderiam ficar à margem, já que se reúne um corpus literário denominado como literatura diaspórica.

Pensando especificamente em América Latina, um dos marcos das diásporas foram os exílios advindos dos regimes ditatoriais militares ocorridos no continente durante os anos de 1960 a 1980, em especial, aqueles ocorridos em países do Cone Sul (Argentina, Chile e Uruguai, Bolívia, Brasil, Paraguai e Peru). Nessas nações, muitas pessoas foram sujeitas a viver no exílio, dentre elas, intelectuais de várias áreas, incluindo escritores de literatura. Estes escritores, seja pelo risco de prisão, morte, ou pela impossibilidade de manter sua produção em seu lugar de origem, durante esse período forçado de afastamento de seus países, acabaram produzindo muitas obras.

O material produzido por esses escritores em situação de exílio tornou-se especialmente interessante para mim, pois pode revelar as marcas deixadas nesses povos durante esse período histórico. O que me levou a querer investigar esse contexto social de produção literária, de forma mais profunda, foi a realização de um trabalho na disciplina de Literatura Hispano Americana II, cursada em um intercâmbio na Universidad de Cuyo, Argentina. A proposta, na ocasião, era a de que cada aluno trouxesse uma coletânea de poemas, após a distribuição de vários temas de escolha, cabendo-me a tarefa de selecionar poesias de autores latino-americanos escritas durante a situação de exílio.

Tendo o trabalho me aberto o olhos para o fato de que há um grande número de obras escritas nesta situação e, partindo da hipótese de que existe uma tradição literária do exílio, em especial da América Latina, surgiram os seguintes questionamentos: qual é o impacto que os tempos de exílio dos intelectuais da literatura tiveram em suas produções literárias? E como a diáspora é representada nestas obras?

Por ser uma das mais importantes produções culturais do homem, a literatura pode ser investigada sobre os aspectos sociais, podendo nos sinalizar para valores, percepções e crenças de uma determinada sociedade e momento

histórico. Observada a magnitude do contexto social envolvendo os deslocamentos diaspóricos oriundos da América Latina, compreendo como relevante, no campo de estudos literários, a análise destas obras em contraponto ao momento político-social em que foram produzidas. E tendo em conta que o esquecimento faz parte da memória tanto quanto a lembrança, é importante mantermos a reflexão sobre as políticas autoritárias analisando, por diversos meios, o contexto de sua implantação, suas ações e as problemáticas geradas nas esferas da vida.

Cabe esclarecer o motivo da escolha da obra 'No pasó nada', do escritor Antonia Skármeta. Primeiramente, ela deu-se pelo fato de que, no referente período, a ditadura Chilena foi uma das mais longas e violentas dos períodos de exceção no Continente Americano. No Chile houve um grande histórico de perseguições a autores e livros, tendo como um de seus episódios mais sombrios a grande queima de obras em praça pública, no mesmo dia da morte do grande poeta da nação, Pablo Neruda. O outro fator motivador da escolha dessa obra foi o de que Antonio Skármeta é um dos autores do 'pós-boom' que, assim como os autores do 'boom latino-americano', fazem parte de uma geração muito ligada aos movimentos políticos de esquerda. Os autores desse período sofreram muito com os processos ditatoriais ocorridos entre os anos 1960 e 1980, tendo em vista que a crítica política era tema recorrente em suas obras.

No presente estudo acadêmico, busca-se desenvolver o tema, organizando o trabalho em dois capítulos de fundamentação teórica com apontamentos que subsidiam a investigação; seguindo-se com um capítulo de apreciação da obra, tendo a apresentação do escritor e o resumo do romance, o desenvolvimento da análise e a discussão dos resultados.

Deste modo, retomando o que já havia sido apresentado no início desta introdução, no primeiro capítulo de fundamentação teórica serão abordadas, as visões de diáspora sobre a ótica dos autores pesquisadores Hall (2011), que discute as reflexões sobre a terra no exterior, tendo como principais pontos: as noções de "tradição" e "tradução"; e Cohen (2008), quem analisa as noções de 'lar' e 'terra natal', no âmbito da diáspora. Posteriormente, será apresentado o conceito de 'Literatura Diaspórica' sobre a visão das pesquisadoras Braga e

Gonçalves (2014) que estabelecem critérios para a literatura produzida por escritores de comunidades diaspóricas e caracterizam o referente termo.

No segundo capítulo, será apresentado o conceito de exílio através das reflexões sobre o tema trazidas por Said (2003), seguindo com a abordagem da literatura sobre o contexto das ditaduras no Cone Sul, a partir do aporte de Coggiola (2001), Vidal (2004), Brancher (2008) e Memoria Chilena (2018). Neste também são incorporadas as noções de espaço literário com base em autores como Soethe (2007) e Brandão (2007).

No capítulo de apreciação da obra, primeiramente, para uma melhor contextualização e compreensão do estudo por parte do leitor, será apresentada uma breve biografia do escritor Antonio Skármeta e um resumo da obra 'No pasó nada'. Segue com o desenvolvimento da análise e discussão dos resultados, sob a perspectiva de Gancho (199), com a apresentação do enredo, personagens, tempo e espaço, e a narração da obra. Posteriormente, a análise dos personagens e espaço será ampliada com as abordagens do tema trazidas por Soethe (2007) e Brandão (2007), e o capítulo fecha com a discussão dos resultados.

2 VISÕES DE DIÁSPORA

O termo, oriundo do grego, significa dispersar e está ligado a ideia de imigração, tendo como exemplo mais clássico o êxodo do povo judeu. Como aponta o 'Diccionario Básico de Antropologia', de Campos (2008, p.60): "Descendientes de un grupo que se ha dispersado por muchos lugares. El ejemplo clásico es el de los judíos que, desde la antigüedad, se dispersaron por el mundo, conservando creencias y prácticas comunes".

Hoje, como destaca Pereira (2016), o tema é amplamente pesquisado nas áreas de ciência humanas e possui um grande número de centros de estudos especializados situados em universidades de vários países, com cursos de graduação e pós-graduação nos estudos da diáspora.

Como é de se esperar para um tema tão pesquisado, há várias visões de diáspora. Isto implica que, neste trabalho, aborem-se diferentes noções diaspóricas. Escolheram-se as noções de tradição e tradução apresentadas por Hall (2011), as de 'lar' e 'terra natal' de Cohen (2008), por estarem mais relacionadas a esta investigação. Traz-se, também, para o debate a contribuição de outros grandes pesquisadores, como: Wilian Safran, Rogers Brubaker, Yasemin Nuho lu Soyal e Khachig Tölölyan. Finaliza-se o capítulo com Braga e Gonçalves (2014), autores que caracterizam a expressão 'literatura diaspórica'.

2.1 Diáspora: tradição e tradução

No livro 'Da Diáspora: identidade e mediações culturais', Stuart Hall nos apresenta estudos que abordam a diáspora, os marcos teóricos para os estudos culturais, desde cultura popular à identidade, e as teorias de recepção. Lança mão, como maior exemplo, da diáspora caribenha no Reino Unido, da qual o autor faz parte, mas, também aponta, de uma forma geral, para as problemáticas sociais e individuais da vivência forçada longe do país natal. Dentre os diversos vieses que aborda o livro, será utilizado o que mais se enquadra no foco deste estudo que são os pensamentos sobre a diáspora que

discutem as reflexões sobre a terra no exterior, tendo como principais pontos as noções de “tradição” e “tradução”.

Nos estudos, o sociólogo traz o termo ‘força do elo do cordão umbilical’ ao verificar um grande número de pessoas idosas que, depois de muito tempo, voltam para sua terra natal. No entanto, Hall (2011) aponta que não existe somente esta tendência. Há, também, outra que refere a aquelas situações em que as identidades se tornam múltiplas e são evidenciadas em três pontos.

No primeiro, há a situação na qual as pessoas, ao compartilharem o exílio com outras de sua terra, passam a sentirem-se mais pertencentes ao seu local de origem. Como exemplo, Hall (2011) aponta o caso de George Lamming, ao enfatizar que ele e sua geração se tornaram caribenhos em Londres e não no Caribe, ou seja, o sentimento de pertencimento cultural a sua terra de origem aflorou após os sujeitos estarem vivendo fora dela. No segundo ponto, observa-se, em comunidades diaspóricas, a aproximação com outros povos que se encontram em situações semelhantes, assim como com as minorias étnicas emergentes do país no qual estão. E, no terceiro, ainda nesta perspectiva de identidade dupla, existe a problemática daqueles que, depois de um tempo, quando conseguem voltar para sua terra natal, não reconhecem mais o local como estava em sua imagética relacionada ao momento da partida, ou, sentem falta dos ambientes de acolhimento aos quais já haviam se adaptado. “São vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por sua experiência diaspórica” (HALL, 2011. P.27). Mario Benedetti, autor uruguaio, escreve no exílio esta poesia que ilustra esse último tipo de identidade dupla.

ESO DICEN

ESO DICEN
que al cabo de diez años
todo ha cambiado
allá

dicen
que la avenida está sin árboles
y no soy quién para ponerlo en duda

¿acaso yo no estoy sin árboles
que según dicen
ya no están?

Mario Benedetti (1996).

Tomando como base essas observações, o autor aponta para duas possibilidades para o conceito de diáspora. Uma mais tradicional, chamada de 'tradição' e outra mais flexível, denominada de 'tradução'. Na 'tradição', tem-se como grande exemplo o caso dos judeus em busca da terra prometida, que ilustra uma visão mais fechada. Já, na 'tradução', há uma visão mais aberta por parte do sujeito, pois, por mais que ele deseje o retorno, demonstra uma atitude de maior flexibilidade, evidenciando uma maior absorção da cultura à qual está exposto.

Na primeira abordagem, Hall (2011) interpreta a diáspora trazendo a presunção de que nossa identidade cultural possa ser fixada no nascimento por questões de linhagem e gene, dando assim a noção de natureza e do 'eu', ancorados em um local de residência. Nesse ambiente, o surgimento de situações de pobreza, subdesenvolvimento, entre outros, fazem com que as pessoas tenham a necessidade de migrar e dispersar, "mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor" (HALL, 2011. P.28).

Essa abordagem aproxima-se mais do modelo tradicional de diáspora que tem como ponto central a ideia de migração e colonização na Ásia Menor e no Mediterrâneo e a dispersão dos judeus exilados da palestina, como no conceito já exposto acima. Nessa visão, o que o autor enfatiza é que esta é a forma de diáspora mais familiar entre os povos do caribe. Ela tem como metáfora a história, que é representada de forma teológica e redentora em que há a volta ao momento originário como forma de curar todo o processo de ruptura.

Trata-se é claro de uma concepção fechada de "tribo", diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando o passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. (HALL, 2011. P.29).

Este apego ao cordão umbilical é o que o autor define, na perspectiva diaspórica, como **tradição**. Nela, há uma prova de fidelidade às origens, moldando o imaginário para, assim, dar sentido à vida e à história dos

dispersados, e, tendo como ponto redentor, o que ainda está por vir, ou seja, o futuro.

No entanto, não há como pensar somente no conceito fechado, principalmente quando as diásporas são oriundas da América Latina e Caribe, tendo em vista todo o processo histórico na região. Estas sociedades foram compostas de muitos povos que já passaram por processos migratórios anteriormente, como é o processo da vinda forçada de povos da África a América. A situação dessa região pode se contrapor ao binarismo de diferenças que compõe a visão diaspórica de “tradição”. Sendo assim, Hall (2011) aponta para a noção cultural de *différence*², na qual o binarismo com a oposição dentro-fora não funcionam, enfatizando que as culturas sempre tiveram uma grande dificuldade em se encaixar dentro de fronteiras determinadas. Nesta perspectiva, o autor vai trazer uma visão mais flexível de diáspora, que vai denominar como processo de **tradução** cultural, tendo como exemplo simbólico o efeito de Babel de Derrida:

A tradução, como Derrida a coloca, é muito diferente de comprar, vender, trocar – não importa o quanto ela tenha sido convencionalmente retratada nesses termos. Não se trata de transportar fatias suculentas de sentido de um lado da barreira de uma língua para outra – como acontece com os pacotes de fast food embrulhados nos balcões de comida para a viagem. O significado não vem pronto, não é algo portátil que se pode “carregar através” do divisor. O tradutor é obrigado a construir o significado na língua original e depois imaginá-lo e modelá-lo uma segunda vez nos materiais da língua na qual ele ou ela está transmitindo. As lealdades do tradutor são assim divididas e partidas. Ele ou ela tem que ser leal à sintaxe, sensação e estrutura da língua-fonte e fiel àquelas da língua de tradução. (...) Estamos diante de uma dupla escrita, aquilo que poderia ser descrito como uma “pérfida fidelidade”. (...) Somos conduzidos ao efeito de babel de Derrida. (HALL, 2011. P.29 apud DERRIDA, 1985).

O que Hall (2011) destaca é que a cultura é uma produção. O conhecimento da tradição é muito importante, porém encontra-se em mutação, não é uma simples viagem de redescoberta e retorno. O olhar para trás nos faz refletir sobre o ‘nós’ no novo, “portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos de nossas tradições. Estamos sempre em processo de formação cultural”. (HALL, 2011. P.45).

² Grifo do autor.

2.2 Diáspora: lar e terra natal

Tendo em vista que diáspora significa dispersão, é lógico perguntar-se sobre a necessidade da terra natal para entender esse conceito? Esta é a indagação que Cohen (2008) introduz no início do artigo denominado ‘Sólidas, Dúcteis e Líquidas: noções em mutação de “lar” e “terra natal” nos estudos da diáspora’, e cuja resposta pode parecer óbvia, já que, se os povos estão dispersos, eles devem ter um ponto de origem.

No entanto, do mesmo jeito que Hall (2011) nos apresenta abordagens diaspóricas desde um ponto de vista mais fechado (tradição’) e outro mais aberto (tradução), Cohen (2008) nos proporciona debates a partir das noções de ‘lar’ e ‘terra natal’. O referido autor faz isso partindo de uma perspectiva de cunho mais tradicional, baseando-se em Safran (1991), isto é, com uma visão de terra natal original e imprescindível. Entretanto, a partir da contribuição do debate advindo de outros autores, como Brubaker (2000), Soyal (2005) e Tölölyan (2005), oferece novas perspectivas, destacando que as diásporas e as visões de terra natal podem apresentar diferentes olhares em épocas e sociedades distintas.

Sendo assim, buscando acompanhar as discussões teóricas, neste trabalho serão analisadas e retratadas as visões de ‘lar’ e de ‘terra natal’ a partir de três perspectivas, denominadas como ‘sólida’, ‘dúctil’ e ‘líquida’. Elas representam, respectivamente, uma visão mais dura, outra intermediária, e uma totalmente flexível de análise.

O caso da diáspora judaica sempre foi o grande exemplo paradigmático do termo. No entanto, Cohen (2008) destaca que Safran (1991), no número de abertura do novo periódico chamado Diáspora, busca dar características essenciais ao conceito ao perceber que outros grupos étnicos igualmente tiveram experiências de partida do local de origem e a difícil adaptação nos locais de reassentamento. Safran, tendo em vista as novas demandas da sociedade, buscou fazer uma adequação científica, apontando as características mais comuns entre as comunidades expatriadas³, que são:

³ COHEN 2008, p.520 apud SAFRAN, Wilian. **Diasporas in modern societies: myths of homeland and return.** *Diáspora*, v.1, n.1, 1991.

- Eles ou seus ancestrais foram dispersos de um “centro” original para duas ou mais regiões.
- Retêm a memória coletiva, a visão ou o mito acerca de sua terra natal original – sua localização física, história e realizações.
- Acreditam que não são – e talvez nunca venham a ser – totalmente aceitos nas suas sociedades de acolhimento e, assim, permanecem parcialmente isolados.
- Sublinham seu lar ancestral e imaginam que, quando surgirem condições favoráveis, eles ou seus descendentes vão retornar.
- Acreditam que todos os membros da diáspora deveriam estar comprometidos com a manutenção ou restauração, segurança e prosperidade da terra natal.
- Continuam ligados a essa terra natal de várias formas, o que contribui de modo importante para definir sua consciência e solidariedade etnocomunitárias.

As características apontadas por Safran (1991) sofreram críticas de autores que Cohen (2008) descreve como ‘construcionistas sociais’⁴, os quais fazem uma contraposição a este modelo de conceito de diáspora de origem fixa, e buscam repensá-lo. Eles argumentam que “no mundo pós-moderno, as identidades foram desterritorializadas e afirmadas de modo flexível e situacional”. (COHEN, 2008, p.520).

Neste contexto, as noções de ‘lar’ e ‘terra natal’ são problematizadas e flexibilizadas ao afirmar-se que, “a “terra natal” tornou-se o desejo por um “lar”, então o próprio lar foi transmutado em um lugar simbólico, embora reconhecidamente lírico”. (COHEN, 2008, p.520). Ou seja, o desejo por um ‘lar’ pode não ser necessariamente o desejo de um local geográfico específico reconhecido como ‘terra natal’.

Junto a esta flexibilização do conceito de lar e terra natal, surge também outra crítica à visão tradicional. Cohen (2008) aponta a denúncia de Soyak (2000) sobre as noções absolutistas no conceito de ‘origem’, já que não dá a atenção necessária às sociedades multiculturais. O mesmo autor também defende uma visão pós-nacional ao indicar que, “apesar de “veneradas”, as noções de diáspora privilegiam ou privilegiavam inadequadamente “o modelo

⁴ Cohen (2008) usa o termo ‘construcionistas sociais’ para uma linha de raciocínio ligado ao pós-modernismo.

de estado nação” e as formações nacionalmente definidas, ao discorrerem sobre um processo global, como é o caso da imigração”⁵.

Frente a estas críticas, Cohen (2008) destaca que, sobre a liderança do reconhecido investigador da diáspora, Tölölyan (2005)⁶, surge uma reação dos pesquisadores do tema abordando-o de forma madura e buscando o diálogo. As críticas anteriores junto com a reação geraram contribuições para que se buscasse uma compreensão mais sofisticada nas variações em relação aos conceitos de ‘terra natal’ e ‘diáspora’.

Com isso, surgem as principais versões das noções de ‘lar’ ou ‘terra natal’ que Cohen (2008, p.522) denomina como “sólida (a necessidade inquestionável de terra natal), dúctil (uma ideia intermediária, mais complexa da terra natal) e líquida (uma interpretação pós-moderna do lar virtual)”, que serão apresentadas detalhadamente a seguir.

a) Terra natal ‘sólida’

A necessidade inquestionável de terra natal é a grande característica da perspectiva ‘sólida’. Nesta, há um grande apelo emocional pelo local de origem configurando-se quase como reverência. Na dimensão simbólica Cohen (2008) aponta para duas versões que muitas vezes se entrelaçam: a feminina e a masculina. Na versão feminina, evoca-se a imagem materna, da qual os povos absorvem seu sustento no seio quente da ‘terra-mãe’, sendo que os seios da terra vêm sempre antes que os seios da própria mãe que lhe deu à luz. Na versão masculina, não é o leite materno que se evoca e sim o sangue viril daqueles que defendem a pátria. Nesta versão, a terra primeiramente é nutrida pelo sangue, e desta terra é que se definem as origens étnicas. Esta última versão é exemplificada pelo cientista social, citando a nação germânica com Bismark e posteriormente Hitler.

Cohen (2008) ainda destaca dois pontos. Primeiro, que, observando o grande papel das diásporas nas políticas internacionais, a perspectiva de terra natal ‘sólida’ ganhou força na tentativa de criação de terra natal, ou melhoria da terra natal. Exemplificando, cita os “movimentos políticos como filohelenismo,

⁵ COHEN, 2008, p.520 apud SOYAL, Yasemin Nuho lu. **Citizenship and identity**: living in diásporas in post-war Europe? Ethnic and Racial Studies, London, Routledge, v.23, n.1, 2000.

⁶ TÖLÖLYAN, Khachig. Restoring the logic of the sedentary to diáspora studies. Les diásporas: 2000 ans d’histoire. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2005.

sionismo, garveísmo, pan-africanismo, as tentativas de criação do Khalistan e de reconstrução da grande Armênia”. (COHEN, 2008, p.523). Podemos citar também o emblemático caso da criação do Estado de Israel. Ainda nesta perspectiva política, o autor destaca que as diásporas podem atuar tanto de forma estabilizadora como criadora de conflitos. O segundo ponto, com ênfase na melhoria da terra natal, refere-se à perspectiva ‘sólida’ como um agente no desenvolvimento econômico no tocante às agências de fomento (ONG’s de países ricos), que se deram conta da grande quantidade de dinheiro que imigrantes enviam aos seus países de origem buscando ajudar suas famílias.

b) Terra natal ‘dúctil’

A terra natal ‘dúctil’ é uma ideia intermediária e mais complexa de terra natal que surge sobre a aparente perda de força da ideia de terra natal ‘sólida’. Sendo caracterizada como mais flexível que a anterior, baseia-se em estudos que analisam os judeus de Israel, da Europa e dos Estados Unidos. Os judeus evidenciam que “os elos entre o país de acolhimento e a terra natal estão ficando mais tênues”. (COHEN, 2008, p.524). Porém, é observado que as ações de antissemitismo possam tornar mais atraente para os judeus manterem-se em locais mais seguros e não estimulando as suas ligações com Israel. Contudo, este mesmo fato marca a flexibilização do conceito mais rígido de terra natal ao verificar o grande número de acampamentos de verão nos EUA, no qual, de forma segura, os judeus recriam todas as condições para o seguimento de suas culturas. Cohen (2008, p.524) cita a terra dúctil como sendo “um lar encontrado” na diáspora e de um “lar virtual” em um acampamento de verão – talvez alimentadas por visitas ocasionais a Israel, ao invés de residir ali permanentemente”.

c) Terra natal ‘líquida’

Na terra natal líquida há uma interpretação pós-moderna do lar virtual, influenciada pelos estudos da ‘modernidade líquida’, de Zygmunt Bauman. Buscando ampliar ainda mais o sentido de lar diaspórico com o intuito de acrescentar novas formas de mobilidade e deslocamento e as identidades e subjetividades envolvidas, Cohen (2008) propõe adotar a expressão ‘diáspora desterritorializada’. Neste, há uma suposição da perda de pontos comuns de

referências territoriais de grupos étnicos, configurando-se como culturas móveis com vias multilocais e lares incertos ou virtuais. Os grupos nômades, como os Ciganos, são os primeiros exemplos a se encaixarem nesta definição, porém o autor destaca que, para estes povos que estiveram sempre em movimento, talvez, seja somente acrescentar outro rótulo. O melhor exemplo citado para a terra natal 'líquida' é a dos povos do Caribe, pois, como aponta Cohen (2008, p.527) "a população principal do Caribe deslocou-se várias vezes e continua suas tradições migratórias – da África, dentro do próprio arquipélago caribenho, e até muito além". No Caribe tivemos, primeiramente, a diáspora com os povos da África sendo trazidos forçosamente para o continente americano e, posteriormente, já com a perspectiva de povo caribenho, uma migração para a Europa, devido, principalmente, às condições de vida.

2.3 Diáspora e Literatura

Como já foi apontado acima, a diáspora é um campo proeminente de pesquisas e os estudos literários não ficam de fora no uso de abordagens diaspóricas. Nesse âmbito, os autores Braga e Gonçalves (2014) trazem o tema para o debate se perguntando de que forma as experiências de diáspora vem sendo representadas ficcionalmente? Assim, no estudo intitulado 'Diáspora, Espaço e Literatura: alguns caminhos teóricos', os pesquisadores estabelecem critérios para a literatura produzida por escritores de comunidades diaspóricas, caracterizando a que chamam de 'literatura diaspórica' e enfatizando o que denominam de 'espaço literário diaspórico'.

As noções de diáspora utilizadas neste estudo compreendem-se, em uma perspectiva geral, relacionadas às conotações de movimento disperso, disseminação, descentramento e deslocamento, buscando sempre refletir suas relações com os estudos literários e como são representados nas obras ficcionais contemporâneas.

No sentido dos estudos de literatura, Braga e Gonçalves (2014) usam a perspectiva de dois eixos analíticos que se articulam, não somente com o literário, mas, também, com o social, político e cultural, sendo eles: um coletivo e outro individual. O primeiro suscitando os laços coletivos de interesse nas

comunidades em diáspora, e o segundo a individualidade dos sujeitos diaspóricos, observando as relações dos personagens consigo e com os outros.

Para não haver equívocos na hora de reunir o corpus literário para o desenvolvimento de seu estudo, os autores entenderam importante identificar aspectos comuns nos textos de diferentes escritores em situação de exílio para, assim, poder chegar às características do ‘espaço literário diaspórico’. Sendo assim, definiram fazer uso, de forma coerente, da expressão ‘literatura diaspórica’, tendo como intuito indicar “um conjunto de textos conectados por sua natureza e ao mesmo tempo específicos em sua diversidade cultural, visto que, nos procedimentos de análise comparativista, semelhanças e coerências existem”. (BRAGA; GONÇALVES, 2014, p.40).

Considerando que o espaço na literatura é um dos aspectos de análise de um texto, os autores usaram primeiramente a noção de Soethe (2007), considerando a rede espacial formada por espaços concretos e simbólicos que, em interrelação, são transformadores e transformados. Posteriormente, Braga e Gonçalves complementam o conceito de espaço a partir dos três modos de abordagem utilizados por Brandão (2007): espaço como forma de estruturação textual; espaço como focalização; e espaço da linguagem⁷.

Reunindo, então, um conjunto de aspectos elementares à literatura diaspórica e articulando o conceito de diáspora nos âmbitos literários e extraliterários com graus de transição entre eles, Braga e Gonçalves (2014, p.45-46) caracterizam o espaço literário diaspórico em doze aspectos:

1. Versa sobre comunidades na diáspora, com personagens que representam sujeitos diaspóricos;
2. Está imbricado de ideias de movimento e cruzamentos de fronteiras, articuladas à dispersão diaspórica que tem início na terra natal;
3. Tem por tema a dispersão diaspórica e o fator, ou fatores, que a causaram, frequentemente um trauma na terra natal, que em geral é conhecido logo na exposição;
4. Tende a representar o enredo de forma não-linear, combinando a imprevisibilidade de fatores externos, ocorridos na terra estrangeira, com os fatores psicológicos, internos ao personagem;

⁷ Observa-se que as noções do conceito de espaço literário serão desenvolvidas com maior intensidade em um posterior capítulo específico para o tema.

5. Tem como cena principal o enclave diaspórico, um entre-lugar em que a história se passa, situado geograficamente fora da terra natal, mas que traz referências a ela, em meio a influências espaço-culturais do país hospedeiro;
6. Explora o conflito e a intriga, externos ou internos às personagens, surgidos do deslocamento diaspórico e no convívio na terra hospedeira;
7. Prioriza um clima tenso, recorrente na condição diaspórica, quer seja por razões sociais, morais, econômicas, políticas ou psicológicas, girando em torno da relação da diáspora com o país hospedeiro e a terra natal;
8. Realiza-se por meio de um estilo narrativo fragmentado ou disperso, estratificado ou superposto em camadas;
9. Em termos discursivos, tende a apresentar narradores e personagens cuja linguagem caracteriza a diferença cultural na diáspora, sendo frequente o emprego de vocábulos, expressões e até textos inteiros em mais de uma língua e, muitas vezes, misturando e fundindo as línguas da terra natal e do país hospedeiro, constituindo uma conjuntura linguística híbrida;
10. Está propenso a apresentar influências de uma tradição literária de origem, uma “terra natal literária”, cujas referências estão presentes na formação do escritor diaspórico, e podem estar visivelmente marcadas em seu trabalho ou se manifestar simbolicamente;
11. Explicita um posicionamento político, já que narrativas diaspóricas geralmente dão voz a minorias deslocadas, ignoradas e silenciadas;
12. É criado por escritores com história pessoal e familiar diaspórica, ou que optam por um estilo de vida diaspórico, tendo, com frequência, interesse em escrever sobre a terra natal, o país hospedeiro e quaisquer temas pertinentes à comunidade diaspórica em si.

Importante destacar que, apesar dos doze aspectos citados serem observados em textos em prosa, igualmente podem ser atribuídos a poesias e ao teatro diaspórico. Também é relevante apontar as observações de Braga e Gonçalves (2014, p.46) quando afirmam que: “longe de serem taxativas, as características acima listadas têm o propósito de informar leitores e propor caminhos a pesquisadores interessados em se debruçar sobre questões tão caras à contemporaneidade, como a diáspora”. Lembram também que as noções de literatura diaspórica não são e não estão fechadas, e sim, abertas ao aprofundamento do estudo.

3 EXILIO E LITERATURA

Por ser este um estudo que aborda questões relacionadas ao exílio e à literatura, a seguir será apresentado o exílio sob a perspectiva de Said (2003), acompanhado da contextualização sócio histórica que levou vários escritores dos países do Cone Sul a viverem em outras nações. O caso do Chile terá um foco maior por ser chilena a nacionalidade do escritor Antonio Skármeta, autor da obra 'No pasó nada'. Finaliza-se o capítulo abordando o espaço literário a partir de autores como Soethe (2007) e Brandão (2007), que, mais adiante, darão sustentação à análise deste trabalho.

O exílio nos remete necessariamente a um deslocamento, porém, não a qualquer tipo de deslocamento. O principal aspecto aqui, encontra-se no fato de que, mesmo podendo ser voluntário, o exílio possui uma conotação de destino indesejável. Em seu ensaio, 'Reflexões sobre o exílio', Edward Said (2003) inicia exatamente abordando a necessidade de advertir o leitor de que o exílio não é uma coisa boa. O autor afirma que, por mais que haja aspectos positivos, pode-se dizer que a conta final é negativa e abre sua discussão com a afirmação de que:

o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003, p.46).

Cabe ressaltar que existem outras formas de afastamento da terra natal, como os 'expatriados' que o autor aborda como sendo pessoas que vivem de forma voluntária em outros países por motivos pessoais ou sociais. Também existe o caso dos migrantes, que é possível que se encontrem em uma situação dúbia, por poderem ter abandonado seus países por escolha própria ou não; ou, podem, em alguns casos, serem vistos como pioneiros em um novo lar. Mas o que se define mesmo como exílio, segundo Said (2003), é a forma ríspida de saída da terra natal, muitas vezes por expulsão, e/ou impedimento de poder voltar.

Para analisar o exílio vinculado aos escritores de literatura nas circunstâncias das ditaduras do Cone Sul, neste capítulo se abordará o contexto em que, uma conjuntura internacional dominada pela guerra fria entre os Estados Unidos, de ideologia capitalista, e a União Soviética, de ideologia comunista, gerou na América Latina um período de grande tensão. O historiador Coggiola (2001) destaca que esse momento forneceu o álibi ideológico para propagar golpes militares com a retórica de eliminar o comunismo do continente americano.

Nessa onda política ideológica, o Paraguai (de 1954 a 1989), o Brasil (de 1964 a 1985), a Bolívia (de 1964 a 1982), a Argentina (de 1966 a 1973), o Uruguai (de 1973 a 1985), e o Chile (de 1973 a 1990) foram abalados por políticas que resultaram em governos dirigidos por ditaduras militares. Durante estes períodos, Vidal (2004, p.33) destaca que “com métodos similares, as ditaduras instalaram a violência e o silêncio no Cone Sul. Os regimes militares procuraram despolitizar a sociedade em todos os níveis”, e, com o intuito de aniquilar culturas alternativas e posições que iam contra os seus modos operantes, especializaram-se em prisões, torturas e mortes, sendo que para muitos cidadãos, restou somente o exílio.

Abaixo, são apresentados os tristes dados que Brancher (2008), estimativamente, traz em relação ao número de pessoas que deixaram seus países de origem devido as ditaduras militares no Chile, Brasil e Argentina:

Para se ter uma idéia dos que tiveram que deixar seus países ‘mais ou menos voluntariamente’, colhemos os seguintes dados: Fanny Jediki estima que, no Chile, entre 500 mil e um milhão de chilenos deixaram o país entre 1973 e 1989; Maud Chirio estima que no Brasil, cerca de 300.000 deixaram o país após 1964; segundo Pablo Yankelevich e Silvina Jenses, cerca de 500 mil pessoas deixaram a Argentina entre 1950 e 1983. De todo modo, concordamos com Denise Rollemberg ao propor que quantificar o número de exilados redundava sempre em mera suposição pela falta de dados que possam ter um significado real. (BRANCHER, 2008, p.14).

É difícil verificar esses dados com precisão, mas, em geral, foram professores, estudantes, operários, sindicalistas, políticos e artistas, incluindo muitos escritores, os que se viram forçados a se exilar em outros países. Considerando esse contexto, não é de se achar estranha a declaração do

escritor argentino Júlio Cortázar, que pode ser acompanhada no periódico *Digestivo Cultural* (2018), na qual afirma que: “Virá o dia em que as histórias da literatura latino-americana comportarão um capítulo exclusivamente dedicado à literatura do exílio”⁸.

Do ponto de vista da literatura, o exílio cobrou um alto custo para os que foram e, também, para os que ficaram. Vidal (2004), em consonância com essa ideia, comenta que houve uma dupla fatura que o campo intelectual sofreu com os golpes, sendo, por um lado, os intelectuais que partiram em situação de exílio e, por outro, aqueles que ficaram no país e acabaram sendo isolados. Citando Sarlo (1988, p.95-107), Vidal (2004, p.33) destaca que “a ditadura cortou o tecido social que tornara possível a circulação de ideias e a comunicação com outros espaços”.

O exílio também marcou um momento de resistência dos escritores e de outros exilados em geral. Como exemplo, é o caso da escritora Cristina Peri Rossi que, durante seu afastamento, devido ao golpe no Uruguai, lutou contra o estado ditatorial desde Barcelona, na Espanha, fundando um comitê e publicando artigos em revistas. ‘Las investigaciones de Memoria Chilena’, no periódico *Memoria Chilena* (2018), destaca como as revistas foram importantes fontes de divulgação que buscavam unir os intelectuais chilenos durante seus exílios, gerando uma comunicação entre eles e uma tentativa de manterem-se informados do que ocorria no seu país. E acrescenta que:

estas revistas, además de su valor literario, fueron muy significativas desde una perspectiva política y reunieron en torno a ellas a gran cantidad de chilenos exiliados, escritores y lectores, que encontraron en la escritura y la lectura un punto de referencia común. Las más significativas fueron *Literatura chilena en el exilio*, la revista *Araucaria*, y *Lar*⁹.

Destacando em especial o caso do Chile devido ao foco deste estudo, traz-se aqui os apontamentos do artigo ‘As Inúmeras Faces da Violência Ditatorial na América Latina nos anos 1960 e 1970’, de Queiroz (2015), em que nos retrata como incrivelmente foi violenta a ditadura no país. Após quase três anos da vitória de Salvador Allende com a Unidade Popular nas eleições de 1970, ocorreu, em 11 de setembro de 1970, no Chile um sangrento golpe tendo

⁸ O periódico não apresenta o local original da citação.

⁹ MEMORIA Chilena. *Literatura chilena en el exilio (1973-1985)*. **Biblioteca Nacional de Chile**, 2018. Periódico não paginado.

como protagonista o ministro militar Augusto Pinochet. Queiroz, (2015, p.220) descreve que “no Estádio Nacional, milhares são torturados, outros tantos são mortos [...] Essas primeiras horas, esses primeiros dias e esses primeiros tempos se transformam em longos anos de arbítrio e bruteza”. O autor também traz a estimativa de morte de 90 000 chilenos somente no primeiro ano de governo militar.

O texto ‘Literatura chilena en el exilio (1973-1985)’, no periódico Memoria Chilena (2018), é apresentado um panorama da literatura escrita pelos chilenos exilados. Nela encontramos, em um primeiro momento, uma literatura de caráter mais testemunhal, referente à conjuntura em que viviam os escritores. Com o passar do tempo, surgem romances de conotações metafóricas e alusivas que se preocuparam mais com as linguagens adquiridas no exílio. É a essa segunda fase que corresponde a obra de análise deste trabalho, ‘No pasó nada’, de Antonio Skármeta. No capítulo 4 deste estudo, a obra e o autor referidos serão apresentados ao leitor.

Para poder realizar a análise desse livro, é fundamental a abordagem do espaço literário. Entendendo que a análise do espaço será um dos aportes para verificar como se manifesta a diáspora na referida narrativa de estudo, a seguir serão apresentadas as categorias de espaço apontadas pelos autores Soethe (2007) e Brandão (2007). A perspectiva de Paulo Astor Soethe (2007) busca traçar os espaços concretos e espaços simbólicos. Por sua vez, Luis Alberto Brandão (2007) tem como uma das perspectivas abordadas a de adotar o espaço como uma categoria de representação de conteúdos sociais que são reconhecidos extratextualmente.

Iniciando a abordagem das noções de espaço literário, Soethe (2007, p.23) infere que o conceito representa o:

conjunto de referências discursivas, em determinado texto ficcional e estético, a locais, movimentos, objetos, corpos e superfícies, percebidos pelas personagens ou pelo narrador (de maneira efetiva ou imaginária) em seus elementos constitutivos (composição, grandeza, extensão, massa, textura, cor, contorno, peso, consistência), e às múltiplas relações que essas referências estabelecem entre si. Esse conjunto constitui o entorno da ação e das vivências das personagens no texto e

surge sob a visão mediadora de um ou mais sujeitos perceptivos no interior da obra [...]. (IDEM, 2007, p.23)

O autor trata das percepções de espaço na literatura que podem estimular a interpretação com o intuito de ampliar o sentido da obra como uma rede formada, com foco no sujeito perceptivo, por observações concretas através de descrições espaciais e, também, observações simbólicas as quais, mesmo não mencionadas, se aplicam às concretas. Sendo assim, Soethe (2007) aponta que a análise de espaço se equivale a situar o entorno que os personagens habitam e como eles o percebem, assim como a forma que eles percebem os outros indivíduos e como esta forma subjetiva se desloca durante a trama. Em uma perspectiva geral Soethe (2007, p. 222) busca “refletir sobre a percepção e o sentido da percepção do espaço”.

Já Brandão (2007), apresenta as categorias utilizadas em análises literárias, sendo elas: a representação do espaço; o espaço como estruturação textual; o espaço como focalização; e o espaço da linguagem. Para a análise da obra ‘No pasó nada’, sob o prisma deste autor, será utilizada a categoria referente à representação do espaço, tendo em vista que as outras visam pontos mais referentes à linguística, à estética e à apresentação física do texto, pontos que são menos pertinentes para o foco deste estudo.

Para Brandão (2007), o modo de ‘representação do espaço’ preocupa-se, obviamente, pela representação do espaço no texto literário. Nele o autor apresenta três principais perspectivas: a tendência naturalizante com um ponto de vista mais concreto: “aqui se entende espaço como cenário, ou seja, lugares de pertencimento e/ou de trânsito dos sujeitos ficcionais e recursos de contextualização da ação” (BRANDÃO, 2007, p.208). O outro ponto abordado pelo autor citado são os significados tidos como traslados, tendo em vista o espaço social na tentativa de verificar os contextos socio históricos, culturais, econômicos e também ideológicos contidos nas obras. Por último há o espaço psicológico que busca abarcar a atmosfera que Brandão (2007, p.208) caracteriza como “as projeções, sobre o entorno, de sensações, expectativas, vontades, afetos de personagens e narradores, segundo linhagens variadas de abordagem da subjetividade”.

Considerando essas abordagens, que passarão a ser utilizadas para fundamentar a análise do espaço, é importante salientar que os aspectos que foram escolhidos se deram por serem aqueles que propiciam, de uma forma geral, um maior foco para questões sociais e culturais contidas nas obras, o que se encaixa mais com o objetivo da pesquisa, embora existam outras concepções.

4 A OBRA 'NO PASÓ NADA', DE ANTONIO SKÁRMETA

Com o intuito de contextualizar o leitor sobre a obra que será analisada e o seu autor, será apresentada de forma breve a biografia de Antonio Skármeta e um resumo do livro 'No pasó nada'. A seguir, será desenvolvida uma análise geral da narrativa com a apresentação do enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Gancho (1993, p.5) afirma que “toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar [...] o narrador é o elemento organizador de todos os outros”. Se buscará também traçar como o conceito de diáspora se manifesta na obra, a análise do espaço e das personagens será ampliada sobre o prisma dos autores Soethe (2007) e Brandão (2007).

4.1 Apresentação do autor

Antonio Skármeta Branivic, nasceu na cidade de Antofagasta, Chile, em 7 de novembro de 1940. Descendente de imigrantes iugoslavos que, segundo *Biografias y vida* (2019), mudaram de país pelo prazer de ir para o desconhecido, tendo como foco o sul do mundo. Após uma passagem pela Argentina, o autor retorna e estuda Teatro e Filosofia na Universidad de Chile. O periódico *Escritores.org* (2019) destaca que, em 1964, viajou junto com sua esposa Cecilia à Nova York para realizar sua pós-graduação em Literatura e, após dois anos, concluiu seu trabalho sobre a narrativa de Júlio Cortázar, obtendo, assim, o título de Mestre em Artes. Nos mesmos anos 60, influenciado pelo cinema, pela música, assim como o jornalismo e os esportes, iniciou sua carreira literária com o livro de contos 'El entusiasmo' (1967), e, em 1969, ganhou o prêmio Casa de las Americas, em Cuba, com o volume de relatos 'Desnudo en el tejado'. No periódico *Memoria Chilena* (2018) é abordado que ele, como quase todos os outros escritores conhecidos como a geração de 60, viveram de forma intensa a agitação sócio-política e cultural da época, fazendo parte do governo da Unidad Popular, e, também, trabalhando em diversas iniciativas culturais e sociais, como a Reforma Universitária e a

revista 'La Quinta Rueda'. Neste mesmo tempo, começou a lecionar aulas de Literatura Chilena, na Universidad de Chile e na Universidad Católica. Após o golpe de estado de Augusto Pinochet, em 1973, exilou-se na Argentina por um ano e, posteriormente, foi viver em Berlim Ocidental, ficando lá por quinze anos. Na Alemanha, trabalhou com rádio e guia de roteiros de cinema. 'No pasó nada' foi o seu primeiro romance escrito em solo alemão. No exílio, também escreveu o 'Carteiro e o Poeta' e 'Matchball'. Em 1989, após 16 anos sem ver a terra natal, volta ao Chile e dedica-se por muitos anos a escrever artigos e colunas jornalísticas, abordando diversos temas que iam do teatro ao esporte. Apoiado pelo presidente Ricardo Lagos, em 2000 assumiu o posto de embaixador do Chile na Alemanha.¹⁰ Vários prêmios foram recebidos pelo autor após esta data. Em 2000, recebe o Prêmio Libreter pelo relato 'La composición'. Em 2001, é homenageado com o Prêmio Grinzane Cavour pelo romance 'La boda del poeta'. Recebe dois prêmios em 2003, da UNESCO pelo livro 'La redacción' e o Prêmio Planeta pela obra 'El baile de la victoria'. Com esse mesmo livro, recebe o Prêmio Municipal de Literatura de Santiago de Chile, em 2004, e o Prêmio Internacional Ennio Flaiano, em 2006. Esse último também foi em homenagem ao valor cultural e artístico de sua obra.

4.2 'No pasó nada'

O romance tem como tema principal as dificuldades da vivência no exílio de uma família chilena constituída por pai, mãe, um filho adolescente e outro menor, que partem para Berlim, na Alemanha Ocidental, no que se deduz ter sido alguns dias após o golpe de estado do ditador Pinochet. O narrador protagonista é o adolescente Lucho, o único da família que tem citado o nome.

Lucho, narra suas memórias em três momentos: quando morava em sua terra natal, memórias mais recentes na qual apresenta uma perspectiva geral dos bons e maus momentos de vivência no país acolhedor, e, um último, em que lembra a principal encrenca que passou em Berlim.

As memórias referentes ao Chile são expostas durante toda obra utilizando o artifício de comparação estrutural, econômica e cultural entre as

¹⁰ A lista completa das obras de Antonio Skármeta encontra-se em anexo.

duas nações, e apontando os terrores da ditadura chilena. O primeiro grande conflito apresentado é a própria dificuldade dos sujeitos em relacionarem-se a uma cultura que não tinham como propósito viver. A linguagem foi a primeira grande barreira. Os pais tiveram muita dificuldade e, sendo Lucho o primeiro a aprender, tudo dependia de sua tradução, inclusive os pais, para conseguirem trabalhar com suas particulares de espanhol, o que sustentou economicamente a família por um bom tempo.

Morando em uma peça emprestada por um alemão que viveu no Chile, a família passou por muita dificuldade financeira. Na escola em que ia com o seu irmão mais novo, o protagonista conheceu sua primeira amiga Edith, os quais vieram a relacionar-se como namorados. Lá, também conheceu a dois gregos que acabaram se tornando seus melhores amigos, Sócrates e Homero. Os dois irmãos haviam chegado com sua família há mais de cinco anos, também exilados devido ao fascismo de Ioannides, na Grécia. É na escola, também, que, em um jogo de futebol, foi apelidado pelos alemães de 'No pasó nada', devido ao fato de usar constantemente a expressão durante a partida.

Ao relatar o início em Berlim, Lucho lembra que sua mãe chorava todos os dias e seu pai costumava dar golpes nos móveis de casa devido a angústia e, às vezes, alguns safanões nos filhos. Houve um momento em que Lucho traduziu para seu pai a notícia de que o fascismo havia caído na Grécia. Este foi um momento de muita esperança para toda a família e de aproximação entre pai e filho. Após a queda do fascismo, os gregos da família Kumides puderam voltar à Grécia. Em seguida, Lucho consegue um emprego e começa a juntar dinheiro para ir visitar seus amigos Sócrates e Homero.

A partir daí, o romance se direciona para um conflito mais pessoal, quando o protagonista se envolve em uma briga. O fato se inicia quando Lucho conhece Sophie, uma adolescente que trabalhava em uma loja de discos. Após certo tempo, eles começam a namorar. Um dia, após uma briga de rua, causada por um grupo de rapazes que ofenderam ele e sua namorada, Lucho acaba ferindo Hans, que vai parar no hospital. O conflito se intensifica quando o irmão de Hans, Michael, promete acabar com Lucho que, depois de sofrer uma série de pressões psicológicas, aceita o desafio de brigar com ele. Após muitos socos e pontapés, em meio a uma forte chuva, os dois desmaiam e, ao

acordarem, acabam decidindo que houve um empate e iniciam uma aproximação de amizade.

Nesse mesmo período, ocorreram os eventos de manifestação pelo episódio de um ano do golpe militar no Chile. Neles, o pai de Lucho discursou sobre seu país, em honra aos heróis da resistência chilena. Graças à aproximação entre Lucho e Michael, o alemão começa a se solidarizar com a causa chilena a ponto de decidir ir a uma reunião do Chile Comitê. Nesse evento termina o romance, com o pai olhando para o filho e dizendo-lhe que ele era um proselitista.

4.3 Análise da obra: enredo, personagens, tempo, espaço, narrador.

‘No pasó nada’ é um romance curto, de 95 páginas, publicado em 1980 pela editora Plaza e Janés, na cidade de Madri, Espanha. Como foi apresentado no início deste capítulo, será contextualizada a narrativa na perspectiva de Gancho (1993, p.5). Serão apresentados aqui os cinco elementos que a estruturam: o enredo, as personagens, o tempo o espaço e o narrador. Posterior a isso, será realizada a análise a partir de Soethe (2007) e Brandão (2007).

4.3.1 O enredo

Em relação ao enredo, serão analisados a exposição, a complicação, o clímax e o desfecho da obra.

a) Exposição - Devido ao golpe de estado do general Pinochet, no Chile, uma família, constituída por pai, mãe, um filho adolescente, Lucho, e outro filho menor, ligada a movimentos políticos de esquerda partem para viver em exílio, na cidade de Berlim, na Alemanha Ocidental.

b) Complicação - O primeiro grande conflito apresentado é, de forma geral, a própria dificuldade dos sujeitos em relacionarem-se a uma cultura que não tinham como propósito viver, sendo a linguagem, em especial, um dos maiores desafios para a família. Outro ponto, com maior foco no

adolescente, é a passagem para a fase adulta e os conflitos relacionados aos namoros e brigas de Lucho.

c) Clímax - A família se vê em grandes dificuldades financeiras e carregam a amargura de viver longe de sua terra natal e com a esperança da queda da ditadura chilena, para poderem voltar para casa. Em um determinado momento da narrativa, o adolescente Lucho se envolve em uma briga que culmina em outro conflito com um rapaz alemão maior que ele, Michel, o que provoca o medo da deportação devido à confusão.

d) Desfecho - Lucho, por ter aprendido rapidamente a língua alemã, acaba sendo um elo entre sua família e o país de exílio. Após um tempo, seus pais conseguem empregos para se sustentarem economicamente e, junto com outros chilenos exilados, criam um comitê para, dentre várias ações, ajudar aqueles que permanecem em seu país a resistirem à ditadura. O adolescente acaba se tornando amigo do rapaz com o qual havia brigado e o leva para o comitê de resistência Chilena. Este amigo consegue relacionar-se bem com a cultura e sociedade local. Mas toda a família segue na esperança de um dia poder voltar para casa.

4.3.2 Os personagens

Os personagens analisados serão o personagem principal, o antagonista e os personagens secundários. Os integrantes da família chilena, exilada na Alemanha, constituem os personagens principais da narrativa, sendo o adolescente Lucho o protagonista da história e o único da família que é referido pelo nome. Os outros são tratados como Papi ou padre, mami ou mamá, e o irmão como hermano menor. Como personagens secundários, destacam-se Edith, os irmãos Homero e Sócrates, e Michel. Como antagonista podemos dizer que, não há um personagem, mas sim a situação política do Chile que produz as dificuldades sociais, econômicas e culturais de vivência no exílio e faz o papel de adversário da família.

a) Personagens principais:

- Lucho: o adolescente tem 14 anos e, como protagonista, se apresenta nesta idade de passagem da fase de criança para a fase adulta. A energia e os anseios da juventude fazem com que o personagem deixe um pouco de lado a angústia de estar vivendo longe de sua casa e amplia suas relações sociais no país de exílio, tendo namorada, amigos e trabalho.
 - Papi: é um professor que militava em movimentos políticos de esquerda. Não é dita a sua idade e nem a aparência física. O que o narrador aborda é a sua forma mais enérgica e, às vezes, um pouco violenta de lidar com as angústias da vivência no exílio. Possui um grande apelo emocional pelo seu país e teve dificuldades em adaptar-se ao novo contexto.
 - Mami: tal como o papi, é professora e não aparece nenhuma descrição física dela. Também teve dificuldades em adaptar-se ao novo contexto e o narrador aborda a sua grande tristeza e preocupação com o povo chileno e a vontade de poder voltar para seu país.
 - Hermano menor: este é um personagem mais plano. Poucas coisas são abordadas sobre ele, apenas que também adquiriu fluência na língua alemã e que gostava muito de comer e ler gibis.
- b) antagonista: podemos dizer que a situação política do Chile com o golpe de Estado de Pinochet é o que denota o desenvolvimento de todo o conflito do enredo.
- c) personagens secundários: como personagens secundários, destacam-se: os irmãos Sócrates e Homero que tinham a mesma faixa etária do protagonista. Eles também estavam em situação de exílio, advindos da Grécia. Estes ajudaram o Lucho a adaptar-se melhor em Berlim. Edith acaba sendo a primeira namorada de Lucho na Alemanha e propicia a primeira relação social dos exilados com uma família alemã. Michel é um rapaz alemão mais velho e mais forte e se destaca por tornar-se amigo íntimo de Lucho, após ter sido seu inimigo e participar de uma briga com o protagonista. Michel se oferece a militar pela causa chilena.

4.3.3. O tempo

A história se inicia no ano de 1973, logo após o golpe de estado no Chile e se desenvolve por pouco mais de um ano, cerca de alguns dias após a comemoração familiar da independência chilena, em 18 de setembro de 1974.

4.3.4 O espaço

A narrativa se desenvolve em um espaço humano horizontal e se inicia no Chile com a descrição do ataque ao palácio presidencial, culminando no golpe de estado com a morte do Presidente Allende, em 11 de setembro de 1973. Após, o clima é de tensão e marca o medo da perseguição política, gerando a ida ao exílio da família para a cidade de Berlim, na Alemanha Ocidental. Neste novo ambiente, os personagens foram a morar em uma peça emprestada por um amigo que era muito menos cômoda que a casa em que viviam no Chile. Em Berlim, também são apresentados à urbanidade com galerias, estádio e praças. Entretanto, por parte da família, se evidencia um ambiente de dificuldade financeira e de relacionamento com a outra cultura.

4.3.5 O narrador

O narrador protagonista é o adolescente Lucho, que narra suas memórias em três momentos: quando morava em sua terra natal, memórias mais recentes na qual apresenta uma perspectiva geral dos bons e maus momentos de vivência no país acolhedor, e um último em que lembra a principal encrenca que passou em Berlim.

O texto se intercala entre discursos diretos e indiretos, sendo mais abordado o discurso direto; não há capítulos e a narrativa não é linear. O narrador relata a história em saltos de tempo, durante o pouco mais de um ano em que se desenvolvem as memórias.

4.4 Análise da diáspora

Para verificar como a diáspora é exposta na obra, será ampliada a análise do espaço e dos personagens, buscando refletir como pensar a visão de pertencimento quando se está longe de casa em situação de exílio.

Tendo em vista que a narrativa se desenrola através das memórias de Lucho e que, tanto os ambientes, quanto as personagens, são apresentadas a partir do ponto de vista do narrador, observa-se a abordagem apontada por Soethe (2007) na qual a análise de espaço se equivale a situar o entorno que os personagens habitam e como eles o percebem, assim como a forma que eles percebem os outros indivíduos.

Neste viés, serão observados especificamente os seguintes pontos:

- Como Lucho se observa e se descreve no exílio.
- Como Lucho observa e descreve a sua família no exílio.

Mantendo as diretrizes acima e acrescentando também as comparações entre o país de origem, Chile, e o país de exílio, Alemanha, agrega-se a perspectiva de Brandão (2007) de observar: o lugar de trânsito e a contextualização da ação; o espaço social na tentativa de verificar os contextos sócio históricos, culturais, econômicos e também ideológicos; e a atmosfera apresentada através das sensações psicológicas do narrador.

Começando pelas comparações entre Chile e Alemanha, na obra se observa a ocorrência do fragmento 'en Chile' por nove vezes, abordando comparações ou ressaltando o clima de ditadura e recessão. Nessas ocorrências são relatadas questões de cunho econômico, político, geográfico, ambiental e social, como podem ser vistas nos exemplos do texto, a seguir:

- "Allá en Chile despidieron a mucha gente de sus trabajos y las cosas ahora están muy caras". (SKÁRMETA, 1980, p.21).
- "En Chile la noche es corta, hay más pájaros que en Berlín [...]". (SKÁRMETA, 1980, p.21).
- "Allá en Chile siempre los jueces condenaban por cualquier cosita a la gente pobre y en cambio, los ricos podían hasta matar [...]. Allá en Chile, los jueces son momios. Yo no sé cómo serán en Alemania". (SKÁRMETA, 1980, p.50).

Um ponto importante a destacar sobre essas comparações é o de que elas são feitas por Lucho. Ele é quem busca traçar as diferenças e os pontos

da observação, melhores ou piores, isto é, ele busca perceber o país de acolhimento e se adaptar à mudança. Diferentemente de seu pai que se mostra mais fechado e a única comparação positiva que faz é a do fato de não haver terremotos na Alemanha. Este ponto é destacado quando Lucho olha um filme sobre tema:

[...] pero a mí me dio mucha pena porque me acordé de Chile. Cuando le conté a papá que me había dado pena, me pego un coscacho. Me dijo que si estaba tonto de andar echando de menos los terremotos, que lo único bueno que tenía estar lejos de Chile era no sufrir los terremotos y que ahora yo venía y le salía con esta estupidez. (SKÁRMETA, 1980, p.26).

Referente à mudança de estrutura em que viviam no Chile e a que vieram a ter em Berlin, o narrador deixa bem claro que tinham uma boa casa em seu país e, ao partirem para o exílio, tiveram que se acomodar em um lugar apertado, lembrando o apontamento de Said (2003, p.46) que “as realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre”. Vejamos como é descrito o local onde viviam no Chile: “allá teníamos una casita com pátio em Nuñoa com harta piezas, y cada uno tenía lugar para hacer lo que quería”. (SKÁRMETA, 1980, p.24). Já, em relação à casa onde passaram a viver, Lucho descreve que “al comienzo no nos acostumbrábamos para nada [...] vivíamos en una pieza los cuatro en el departamento de un amigo alemán que había estado en Chile”. (SKÁRMETA, 1980, p.23, 24).

A situação que se passava no Chile é descrita sobre uma atmosfera tensa e negativa, com a família sempre buscando atentamente saber o que se passava no seu país. Como no extrato: “De Chile llegan puras malas noticias, y el papi se ve todos los noticieros de la televisión”. (SKÁRMETA, 1980, p.28). Também é exposta a situação de violência dos que ficaram e o exílio dos que puderam sair. O que Vidal (2004) denomina de dupla fratura com os exilados que se foram do país e o isolamento dos que ficaram nele.

Digo que me fue bien con el papi, porque siempre que le pregunto por algún tío me dice que está preso, o que está muerto, o que está en Canadá, en Rumanía, en África, que sé yo. Yo le pregunté al papi que cómo que un gallo como el Osorio podía estar en la clandestinidad, que con sólo verlo uno se daba cuenta que era el Osorio. (SKÁRMETA, 1980, p.24).

Outro ponto que é abordado na narrativa é o envio de dinheiro dos sujeitos exilados para os compatriotas que mantinham a resistência dentro do país e que necessitavam de assistência, por mais que a vivência em exílio fosse dura, o foco era sempre ajudar a nação de origem.

Que los alemanes tenían una solidaridad más grande que un buque, pero que nosotros debíamos rascarnos con nuestras propias uñas. Que la plata que juntan los alemanes tenía que ir para los compañeros que estaban dentro de Chile. (SKÁRMETA, 1980, p.35,36).

Quanto aos membros de sua família, Lucho descreve a sua mãe como uma pessoa que sofre muito com a situação de exílio: “[...] Cuando llegaba en la casa era fijo que mamá estaba llorando”. (SKÁRMETA, 1980, p.29). Além de não estar se sentindo bem no país de acolhimento, a personagem se mostrava sempre muito preocupada com a situação das pessoas que estavam vivendo sobre o regime ditatorial no Chile.

[...] Se me ocurrió decir a la mami que me sentía enfermo. [...] Me siguió hasta el baño diciéndome que yo me echaba a morir por un dolorcito de guata, y que pensará mejor cómo estaban los niños de Chile con sus padres presos y pasando hambre”. (SKÁRMETA, 1980, p.59).

O seu pai, diferente da mãe, não representava o descontentamento com a situação de exílio através de choro e tristeza, mas sim com rudeza “mi papi no lloraba nada, pero agarraba a patadas los muebles, y cuando nosotros estábamos a mano, nos tiraba un coscorrón perdido”. (SKÁRMETA, 1980, p.29). Também, o pai observava para o filho que não estavam em um ambiente confortável e seguro, lembrando a condição de sujeitos em situação de exílio: “Dijo mi papa que esperaba que fuéramos hombrecitos y que no nos metiéramos en líos. Que aquí estábamos como asilados políticos, y que en cuanto nos enredáramos en un lío nos echarían”. (SKÁRMETA, 1980, p.36). Outra questão que Lucho descreve em relação ao seu pai é a grande fixação e emoção pela pátria chilena. Esta é marcada no discurso referente à data de um ano do golpe:

[...] mi papi subió a decir el discurso en Hermmann Platz (con traductora). Mi viejo es incapaz de decir tres palabras sobre Chile sin emocionarse, así que a los dos minutos estaba a

gritos pelados, y a lo cinco se le caían las lágrimas hasta del bolsillo”. (SKÁRMETA, 1980, p.64,65).

A evocação de uma perspectiva masculina de terra natal sólida através da visão do sangue viril daqueles que defendem a pátria é referida abordando os heróis da resistência chilena: “El viejo dije que Pinochet estaba en la parrilla. Que agradecía la solidaridad internacional, y que Chile se estaba llenando de héroes”. (SKÁRMETA, 1980, p.65).

Finalizando as descrições referentes aos pais, trago a citações que ajudam a demarcar a inflexibilidade de adaptarem-se ao país acolhedor. O fragmento mostra que os poucos momentos de felicidade da família, em especial do pai e da mãe, são quando estão reunidos com outros Chilenos comemorando a festa pátria de 18 de setembro:

A medida que la noche fue metiéndose más adentro, yo me fui poniendo lánguido. Era como si quisiera sujetar esta noche tan linda en mi casa y dejarla ahí para siempre y que esto fuera el resto de la vida. Los amigos, el papi cantando mientras el Tito tocaba la guitarra, y la mami y la Alejandra un poco curaditas riéndose como las chiquillas del colegio en la punta del sillón, y el Urs durmiendo arriba de la mesa, y mi hermano chico durmiendo en la alfombra al lado del gato. (SKÁRMETA, 1980, p.70).

Quanto ao irmão pequeno, são poucas as passagens que abordam como ele está se sentindo no exílio. No início, Lucho se incomodava com o fato dele saber pouco da língua alemã. “A mí el que más me molesta es mi Hermano chico que entiende poco alemán, y cada vez que vemos la televisión me pregunta a cada rato qué está pasando, y yo me pongo a traducirle”. (SKÁRMETA, 1980, p.24). Porém, esta situação é resolvida e na seguinte passagem evidencia que ele dominou a língua alemã: “[...] pasó algo de plata a mis viejos y a mi hermano chico que se devora tres revistas de historietas por día [...]”.(SKÁRMETA, 1980, p.24). Além de o irmão pequeno ter aprendido alemão, o que se deduz que de forma fluente, não há mais coisas que possam inferir algo sobre seus sentimentos.

Partindo para o narrador protagonista, um dos primeiros pontos abordados na narrativa foi o fato de Lucho ter aprendido a língua primeiro, em relação aos outros membros de sua família, como mostra esta passagem “[...] llegamos con mi papi, mi mamá y mi hermano chico, ninguno sabía hablar en

alemán. No es que ahora soy un Goethe, pero de defenderme, me defiendo [...]”. (SKÁRMETA, 1980, p.22). Mediante este fato, o adolescente foi quem, no principio conduziu a família no novo ambiente de convivência, como aponta o trecho em que relata a dependência do telefone, e como era o único a saber alemão, dependiam exclusivamente de Lucho: “Ahora dejamos que suene todo el tiempo que quiera, pero los primeros meses dependía del teléfono que comiéramos. Resulta que el papi y la mami se habían conseguido un trabajo enseñando español clases particulares”. (SKÁRMETA, 1980, p.25).

Neste ponto, a escola teve um papel fundamental, pois Lucho também teve dificuldades, mas a convivência escolar ajudou a desenvolver o novo idioma mais rapidamente, como fica evidente nos seguintes fragmentos:

- Yo al comienzo me sentí más tirado que pucho en Berlín [...]. Cuando nos decían *Guten Morgen*¹¹ creíamos que nos estaban sacando la madre. (SKÁRMETA, 1980, p.28).
- Comencé a aprender alemán jugando futbol en los recreos. Me ponían de back centro y allí metí tanto fierro que aprendí distintas palabritas [...]”. (SKÁRMETA, 1980, p.29).

Por ser jovem e ir à escola, Lucho desenvolveu uma maior relação com a sociedade e cultura alemã. Frequentava ambientes jovens, teve relacionamentos de namoro e conhecia as músicas pops do momento. Vejamos estas questões nas passagens abaixo:

- “Además tengo una amiga alemana. Con la Edith nos vemos todos los días desde hace tres meses”. (SKÁRMETA, 1980, p.22).
- “Me fue corriendo arriba de mis zapatillas Addidas Olympia, de las mismas que usa Beckenbauer”. (SKÁRMETA, 1980, p.22).
- “Tenía esa cosa de meterse en el oído, y pronto me supe las melodías de todos los Schlager de la semana”. (SKÁRMETA, 1980, p.39).

Por estas questões apresentadas já se nota que o protagonista não possui uma visão patriótica tão grande como a de seus pais, e um dos momentos em que isto é mais evidente é quando ele observa estar juntando dinheiro para ir visitar seus amigos na Grécia: “con todo, ya ahorré trecientos marcos, y de aquí a junio voy a tener demás para tomar el avión ida y vuelta a Grecia”. (SKÁRMETA, 1980, p.35). Deduz-se que isto jamais ocorreria com

¹¹ Grifo do autor.

seus pais que possuem o único pensamento de poder voltar ao Chile e enviar o máximo de dinheiro para os que estão lá.

Para finalizar com Lucho, destaco o momento final do livro em que ele traz para a reunião da resistência chilena, Chile Comité, a presença de um jovem alemão que, como já visto, após uma briga se tornou seu amigo, marcando, assim, um grande elo entre Chile e Alemanha: “El papi le dio el teléfono de Urs, y a la semana Michael apareció en una reunión del Chile Comité. Cuando mi papi lo vio entrar, me quedó mirando y me dijo que yo era un ‘proselitista’”. (SKÁRMETA, 1980, p.95)

Como discussão, vejamos que o grande ponto de destaque no romance é a diferença entre as gerações, entre pais e filhos, na visão de pertencimento quando se está longe de casa, principalmente a de Lucho, pois o outro filho ainda é muito pequeno para maiores noções. Os pais, e principalmente o pai, marcam bem a diferença apontada por Said (2003) entre uma migração não forçada e o exílio forçado, onde há uma constante nostalgia e esperança de voltar a casa. O filho, diferentemente, não possui uma experiência de vida igual à dos adultos e, por isso, o elo do cordão umbilical, como chama Stuart Hall (2011), não atua de forma tão inflexível, tendo como sentido de vida unicamente o fato de voltar para a pátria de origem.

Neste sentido, os pais apresentam muito mais as marcas de uma diáspora tradicional na noção de Stuart Hall (2011) com uma identidade cultural inflexível e enraizada no país de origem, e, na noção de Cohen (2008), uma visão de ‘terra natal sólida’ (a necessidade inquestionável de terra natal) em que há constantemente a esperança de voltar ao Chile e de, acima de tudo, se deparar com a notícia de que o General Pinochet caiu, como ocorreu com os gregos quando caiu o regime fascista de seu país. Eles estão agradecidos por um país tê-los acolhido como exilados, porém não possuem nenhuma perspectiva de reconhecer como sua esta outra situação, este outro contexto de vida. Estas questões são bem marcadas com a dificuldade de aprender a nova língua, de relacionar-se com a cultura local. Tirando o trabalho, os ambientes de relacionamento eram quase sempre entre chilenos e sempre pensando como ajudar os que permaneceram lá e o sonho do retorno redentor.

Lucho, diferentemente, apresenta mais as características diaspóricas de tradução, na noção de Hall (2011), com um foco não tão voltado ao binarismo da oposição dentro-fora, pois ele não buscou transportar sua identidade cultural de chileno como um escudo que jamais seria transpassado, e sim, modelou-se ao contexto do outro país, mas sem esquecer sua própria identidade. Lembrando o apontamento de Hall (2011) em que o olhar para trás nos faz refletir sobre o ‘nós’ no novo, “portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos de nossas tradições”.

Nesse sentido, podemos dizer que na perspectiva de Cohen (2008), ele se encaixa de forma mais abrangente na noção de ‘terra natal dúctil’ (uma ideia intermediária, mais complexa da terra natal). Além de não possuir toda a carga patriótica de um adulto, é forçado pelo contexto a se relacionar mais com o mundo, devendo ir à escola e, pela sua própria idade, a se relacionar com seus pares de forma amorosa e de amizade. Além disso, Lucho mostra claramente ter sido o elo entre a família e o país acolhedor, principalmente no início, onde quase todas as relações externas da família deviam passar por ele; e, notavelmente, por ter trazido um jovem alemão para se unir à causa chilena. O protagonista não abandona o seu carinho pela terra natal, mas também está aberto à sociedade que o recebe. O que mais denota o distanciamento da ‘terra natal sólida’, é que Lucho, além de querer viajar para a Grécia, pensa em um futuro em que todos tenham bons empregos e uma boa casa na Alemanha, tendo em vista que não sabem quando poderão voltar ao Chile. No entanto, também não se encaixa em uma perspectiva de ‘terra natal líquida’ (uma interpretação pós-moderna do lar virtual), pois possui nostalgias referentes ao seu país e a vontade de voltar ao Chile quando a democracia for restaurada.

A seguir, apresenta-se um panorama geral de análise dos personagens sobre as perspectivas de diáspora e terra natal.

Os personagens sobre as noções diaspóricas de tradição e tradução, de Hall (2011):

Lucho:

a) Características de tradição:

- Carrega consigo a promessa do retorno redentor.

b) Características de tradução:

- Maior adaptação ao novo ambiente.
 - Aprende primeiro a língua alemã.
 - Faz amigos e se apaixona por pessoas nativas do país de acolhimento.
- Constrói o significado de sua vida no país de exílio.
 - Passagem para a fase adulta.
 - Paixões.
 - Deseja ajudar a resistência chilena, contudo, também possui outras perspectivas de futuro.
- Apesar de desejar o retorno, não carrega a carga patriótica e fidelidade às origens como seu pai.

Papi:

a) Características de tradição:

- Possui uma identidade cultural fortemente vinculada à pátria.
- Possui fidelidade às origens.
- Tem como ponto redentor o que ainda está por vir (futuro).
- Carrega consigo a promessa do retorno redentor.
- Vê o fim da ditadura chilena como meio para cura de todo o processo de ruptura.
- Tem como meta de vida ajudar a resistência chilena contra a ditadura.

Mami:

a) Características de tradição:

- Vê o fim da ditadura chilena como meio para cura todo o processo de ruptura.
- Possui uma identidade cultural fortemente vinculada à comunidade chilena, principalmente aos que ficaram no Chile.

- Possui fidelidade às origens (abordagem menos política e patriótica, mas com forte preocupação com o povo).

Os personagens sobre as noções de terra natal, de Cohen (2008):

Lucho:

a) Características terra natal sólida:

- Apelo emocional pelo local de origem.

b) Características terra natal dúctil:

- Possui a vontade de ir a outro país além do Chile.
- Ambiguidade mais tênue entre país de origem e país de acolhimento.

Papi:

a) Características terra natal sólida:

- Necessidade inquestionável de terra natal.
- Apelo emocional pelo local de origem.
- Reverência à pátria.
- Versão masculina de terra natal, sendo os militantes da resistência chilena os heróis viris que defendem a pátria contra o golpe de Pinochet.
- Melhoria da terra natal (envio de remessas de dinheiro).

Mami:

a) Características terra natal sólida:

- Necessidade inquestionável de terra natal.
- Apelo emocional pelo local de origem.

Hermano chico:

a) Referente ao irmão menor, não houve conteúdo substancial na narrativa para demarcar a perspectiva de visão de pertencimento quando se está longe de casa em situação de diáspora. Mas sabe-

se que ele, como Lucho, desenvolveu o aprendizado da língua alemã e frequentava a escola regular.

Completando, destacam-se, conforme os estudos de Braga e Gonçalves (2014), as características de literatura diaspórica que a obra apresenta:

1. Versa sobre comunidades e personagens na diáspora através da família de Lucho junto a outros chilenos exilados.
2. Está imbricada na ideia de movimento e cruzamentos de fronteiras, articuladas à dispersão diaspórica, com início na terra natal, sendo que a trama discorre sobre uma comunidade chilena e, de forma menos contundente, uma família grega, que devido aos regimes ditatoriais de seus países, se deslocam para a Alemanha.
3. O enredo é representado de forma não-linear, com Lucho narrando suas memórias em saltos de tempo, durante o pouco mais de um ano em que se desenvolve a narrativa, com passagens nostálgicas fazendo comparações entre as situações que vive na Alemanha e como as vividas no Chile.
4. Explora conflitos externos ou internos às personagens, surgidos do deslocamento diaspórico e no convívio na terra hospedeira, através de descrições das dificuldades, tristezas e anseios vividos pelos membros da família chilena ao viverem longe de sua terra natal. E, neste ponto, também apresenta o clima tenso recorrente da situação.
5. Explicita um posicionamento político ao retratar de forma negativa o estado de exceção ocorrido no Chile e a resistência por parte de chilenos ligados a movimentos políticos de esquerda.
6. E, por último, foi escrita por Antonio Skármeta que é um escritor com histórico pessoal e familiar de vivência em diáspora.

Embora sejam doze as características abordadas pelos autores acima citados sobre a literatura diaspórica, observa-se que a obra 'No pasó nada', do autor Antonio Skármeta, apresenta oito desses atributos.

Uma vez concluída a análise, no próximo capítulo serão apresentadas as considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo procurou abordar conceitos e processos políticos-históricos relacionados à diáspora, exílio e a literatura, no contexto dos regimes militares ocorridos na região do Cone Sul, durante os anos 1960 a 1980. Analisou-se como o conceito de diáspora é manifestado na obra 'No pasó nada', escrita pelo autor chileno, Antonio Skármeta durante seu estado de exílio.

Verificou-se que a diáspora é um conceito em transição e que apresenta aspectos mais tradicionais, com um foco rígido de se sentir fora da terra natal, e, sobre novos olhares, expõe abordagens que permeiam pontos intermediários e outros mais flexíveis do conceito.

Já o exílio é um termo bem definido tendo como ponto principal a forma ríspida de saída da terra natal, muitas vezes por expulsão, e/ou impedimento de poder voltar. No contexto das ditaduras ocorridas no Cone Sul, houve um número de centenas de milhares de pessoas que se exilaram, dentre elas muitos escritores que vieram a escrever obras nesta situação, sendo que estas obras junto com outras escritas em contextos diferentes, porém em situação semelhante, formam um corpus denominado como literatura diaspórica.

A literatura pesquisada pertence a este cânone e através da análise dos personagens e espaço, com um maior olhar para questões sociais e culturais, vê-se que a obra 'No pasó nada' nos revela a presença de diferentes abordagens do conceito de diáspora representada nas distintas formas como os personagens reagiram e refletiram sobre a sua terra de origem, estando em estado de exílio no exterior, assim como no modo em que reagiram ao novo ambiente com cultura e língua diferente.

A voz que o adolescente Lucho manifestou através da narração de suas memórias, permite compreender que ele via em seus pais a tristeza e o

desespero de adultos que, por um episódio político em seu país, tiveram que deixar a casa, os amigos, os parentes, e, sem garantia nenhuma, ir viver em outro país, fato que os deixou inflexíveis, perseguindo um único propósito, o de um dia poder voltar. Diferentemente, Lucho, apesar das saudades de seu país, enxergou possibilidades e, sob a força e os anseios de sua juventude, abriu-se para o novo ambiente.

Em relação à forma como Skármeta representou as diferentes perspectivas de vivência na diáspora através das gerações, pode-se conjecturar sobre a possibilidade da obra ter sido um diálogo entre os artistas e as demais pessoas que estavam na mesma situação do autor. Assim, tendo a voz de um adolescente como um simbolismo de que podem ser mais flexíveis e não tão duros consigo mesmos, já que estão em uma situação tão difícil. Através do prologo o autor, se evidencia esta pista, ao descrever, como uma de suas inspirações para o desenvolvimento do romance, as observações de como se relacionavam os pais e filhos dos exilados do Chile e de outros países que estavam em uma situação igual a sua.

Sabemos que não podemos inferir que todas as diásporas do referente contexto se apliquem ao quadro apresentado, mas, no tocante à literatura pode-se apontar para direcionamentos a serem observados. É sobre este ponto de vista que se defende que as pesquisas referentes às literaturas produzidas no exílio devam continuar e ampliar-se. E, no foco da diáspora, talvez seja possível, com um corpus maior de obras analisadas, traçar um perfil mais complexo e detalhado de como o conceito se manifesta e qual é o seu impacto na literatura latino-americana em geral.

Outras abordagens também podem se beneficiar com estes estudos, tais como o impacto que a imersão em outra língua trouxe aos escritores exilados e suas obras; e, do ponto de vista das diásporas contemporâneas, como estas estão afetando o campo literário, tendo em conta que as migrações são uma constante no atual cenário mundial.

6 REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Mario. **Andamios**. Bs. Aires: Seix Barral, 1996.

BRAGA, C. R. V.; GONÇALVES, G. R. Diáspora, Espaço e Literatura: Alguns Caminhos Teóricos. **Revista Trama**. UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon: v. 10, n. 19, 2014. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/viewFile/9763/7176>>. Acesso em: 5 de mar. 2019.

BRANCHER, Ana; SOUZA, Fábio Francisco Feltrin. Políticas na exterioridade. Notas sobre o exílio de escritores latinoamericanos. **Revista Esboços**. PPGHST/UFSC, n. 20, 2009, p. 205-221. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/download/2175-7976.2008v15n20p205/9531>. Acesso em: 10 mai. 2019.

BRANDÃO, Luís Alberto. Espaços literários e suas expansões. **Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, UFMG, v. 15, janeiro, p. 207-220, 2007. 15 mai. 2019.

BIOGRAFIAS y vida. **Antonio Skármeta**. Artigo online, 2019. Disponível em: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/s/skarmeta.htm>. Acesso em: 24 mai. 2019.

CAMPOS, Lorena A. **Diccionario Básico de Antropología**. Quito-Ecuador: Abya Yala, 2008.

COGGIOLA, O. **Governos militares na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2001.

COHEN, Robin. SÓLIDAS, DÚCTEIS E LÍQUIDAS: noções em mutação de “lar” e “terra natal” nos estudos da diáspora. **Caderno CRH**, Salvador: v.21, n.54, p. 519-532, Set/Dez, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010349792008000300008&script=sci_abs tract&lng=pt. Acesso em: 05 mar. 2019.

ECRITORES.org. **Antonio Skármeta Biografia**. Artigo online, 2019. Disponível em: <https://www.escritores.org/biografias/4285-skarmeta-antonio>. Acesso em: 24 mai. 2019.

GANCHO, Cândida Vilarés. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: UFMG/UNESCO, 2011.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. Diásporas contemporâneas: um convite a reflexão numa perspectiva histórico-literária. **Grau zero** – Revista de Crítica Cultural, v.4, n.1, 2016.

QUEIROZ, Fábio José de. As Inúmeras Faces da Violência Ditatorial na América Latina nos anos 1960 e 1970. **Revista Dialectus**. Ano 2, n.7, 2015, p. 108–130.

MEMORIA Chilena. Antonio Skármeta. **Biblioteca Nacional de Chile**, 2018. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-3301.html>. Acesso em: 24 mai. 2019.

_____. Literatura chilena en el exilio (1973-1985). **Biblioteca Nacional de Chile**, 2018. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-3555.html>. Acesso em: 24 mai. 2019.

POMAR, Pedro Estevam da Rocha. O modismo “civil-militar” para designar a Ditadura Militar. Brasil de Fato. Periódico online. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/node/10300/>. Acesso em: 10 mai. 2019.

SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio. In: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46- 60.

SKÁRMETA, Antonio. **No pasó nada**. Barcelona: Plaza e Janés, 1980.

SOETHE, Paulo Astor. Espaço literário, percepção e perspectiva. **Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 15, jan, p. 221-229. 2007.

VIDAL, Paloma. **A História em seus Restos: Literatura e Exílio no Cone Sul**. São Paulo: Annablume, 2004.

7 ANEXO A – ‘Lista da bibliografía de Antonio Skármeta’

Contos

- El entusiasmo, 1967.
- Desnudo en el tejado, 1969.
- Tiro libre, 1973.
- Libertad de movimiento, 2015.

Romances

- Soñé que la nieve ardía, 1975.
- No pasó nada, 1980.
- La insurrección, 1982.
- Ardiente paciencia, 1985. Depois do filme se reeditou como El cartero de Neruda.
- Matchball, 1989.
- La composición, 1998.
- La boda del poeta, 1999.
- La chica del trombón, 2001.
- El baile de la victoria, 2003.
- Un padre de película, 2010.
- Los días del arco iris, 2011.

Teatro

- La búsqueda, 1976.
- No pasó nada, 1977.
- La mancha, 1978.
- La composición, 1979.
- Dieciocho kilates, 2010.

Literatura infantil

- La composición, conto para crianças, 1998.
- El portero de la cordillera, 2012.

Outros

- Neruda por Skármeta - no original Neruda por Skármeta, 2004.
- El ciclista de San Cristóbal, 1973
- Novios solitarios, 1975.
- La Cenicienta en San Francisco y otros cuentos, 1990.
- Uno a uno: cuentos completos, 1996.
- Antología personal, 2009.